

Jeremias: O racismo estrutural na pele.¹

Rafael Felipe de Melo²

Resumo

Este trabalho tem por objetivo compreender como o racismo estrutural é retratado na obra *Jeremias Pele*, uma história em quadrinhos ligada à série da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, e como, através da temática social abordada, a personagem ganha relevância. Dessa forma, buscamos realizar nossa análise a partir do aporte teórico-metodológico da teoria crítica pós-colonialista, na qual utilizamos Bonnici (2005), bem como recorremos aos estudos de Sílvia Almeida (2019) sobre racismo, em sua obra *Racismo Estrutural*, para problematizar questões ligadas ao enredo que tratam das questões raciais. Ainda recorremos a Antônio Luiz Cagnin (2015), Fábio Paiva (2016) e Waldomiro Vergueiro (2019) para abordarmos questões voltadas à linguagem semiótica e à trajetória do gênero história em quadrinhos. Com base em nossas análises, concluímos que a trajetória do personagem é permeada pelo racismo, o que lhe causou apagamento em relação ao cartel de personagens relevantes, muito embora tenha feito parte das primeiras criações do Maurício de Sousa, além de só chegar ao patamar de protagonista e com uma história relevante quando passa a ser escrito por artistas negros e traz à tona as discussões raciais, evidenciando o racismo estrutural que influencia diretamente o contexto cultural.

PALAVRAS-CHAVE: JEREMIAS; RACISMO ESTRUTURAL; PÓS-COLONIALISMO

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo comprender cómo el racismo estructural es representado en la obra *Jeremias Pele* y cómo, a través de la temática social abordada, el personaje gana relevancia. De ese modo, buscamos realizar nuestro análisis a partir de la contribución teórico-metodológica de la teoría crítica poscolonialista, en la que utilizamos Bonnici (2005), así como utilizamos los estudios de Sílvia Almeida (2019) sobre racismo en su obra *Racismo Estructural*, con la que problematizamos temas vinculados al enredo, como el racismo estructural. También recurrimos a Antônio Luiz Cagnin (2015), Fábio Paiva (2016) y Waldomiro Vergueiro (2019) para tratar sobre temas relacionados al lenguaje semiótico y a la trayectoria del género comics. Basándonos en nuestros análisis, concluimos que la trayectoria del personaje es permeada por el racismo, lo que provocó su exclusión del cartel de personajes relevantes, pese a haber hecho

¹ Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pela Prof.^ª Dr.^ª Valéria Severina Gomes, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação do Prof.^ª Dr.^ª Renata Teixeira Pimentel. Outubro/2020.

² Graduando na Licenciatura em Letras pela UFRPE/ Sede.

parte de las primeras creaciones de Maurício de Sousa, además de apenas llegar al nivel de protagonista y con una historia relevante cuando pasa a ser escrito por artistas negros y trae a la luz las discusiones raciales, evidenciando el racismo estructural que influye directamente en el contexto cultural.

PALABRAS CLAVE: JEREMIAS; RACISMO ESTRUCTURAL; POSCOLONIALISMO.

1. Introdução

As histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano social desde a sua popularização e possuem influência direta nas mais diversas manifestações artístico-culturais, como: música, teatro, cinema e literatura. Podemos afirmar que o gênero HQ permeia vários ciclos sociais e faixas etárias. Isso se dá por ter uma diversidade temática muito abrangente e fazer uso de uma linguagem multimodal e híbrida que facilita a compreensão (salvo algumas exceções), em uma linguagem que deliberadamente busca atingir um público mais amplo, em faixa etária (salvo obras especificamente voltadas ao público adulto) e níveis de escolaridade. Além disso, o gênero hoje é amplamente explorado pela indústria cultural, o que amplia ainda mais o alcance e o número de leitores.

Apesar de toda a aceitação popular das obras, as histórias em quadrinhos são estigmatizadas no âmbito acadêmico como obras menores, excluídas do cânone literário e conseqüentemente do âmbito das pesquisas. Essa visão tão reducionista do gênero ainda é resquício do período pós-guerra, como afirma Paiva (2016), quando menciona que o psiquiatra Fredric Wertham lançou o livro *Seduction of the Innocent*, em 1954, fato que forçou a indústria a modificar a produção dos materiais de forma a torná-los consumíveis para as crianças, infantilizando demais o conteúdo e estigmatizando o gênero história em quadrinhos.

Contudo, Vergueiro e Ramos (2009) refutam esses pensamentos, ao afirmarem que a última virada de século marcou uma mudança de visão sobre as histórias em quadrinhos no Brasil: “elas passavam a ser entendidas como uma forma de entretenimento e transmissão do saber que podia atingir diversos públicos e faixas etárias”. (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 09)

A literatura exprime a sociedade, (CÂNDIDO, 1973, p. 19), logo, os quadrinhos (sendo uma arte intersemiótica que se forja pela concomitância da linguagem artística visual – o desenho e as cores – e da língua para criação do mundo ficcional) também o

fazem. Dessa forma, apoiados na teoria crítica pós-colonialista ,Bonnici (2005). e na obra *Racismo Estrutural*, de Sílvio Almeida (2019), buscamos verificar, na obra *Jeremias Pele*, nosso objeto de estudo, como,através da temática social abordada pela obra, a personagem ganha relevância e representatividade ao tratar do lugar do negro na sociedade, problematizando questões ligadas ao enredo, como o racismo estrutural,com base no conceito de Sílvio Almeida (2019), conforme já mencionado. Além disso, questões ligadas à linguagem semiótica, embasada por Antônio Luiz Cagnin (2015), e, por fim, questões ligadas à construção e trajetória do gênero, fundamentadas em Fábio Paiva (2016) e Waldomiro Vergueiro (2019) serão aspectos de análise.

Ressaltamos que a personagem Jeremias foi criada por Mauricio de Sousa, sem dúvida um dos nomes mais conhecidos do cenário brasileiro de HQs, mas durante muito tempo foi marginalizada como personagem secundária nas narrativas. A obra *Jeremias Pele*, única que apresenta Jeremias como protagonista, é de autoria do Jefferson Costa e Rafael Calça, artistas e quadrinistas negros, em uma iniciativa de trazer novos artistas para a criação e produção no universo criado inicialmente por Maurício de Sousa. Esse e outros pontos nos levam a observar que, apesar de aparecer em diferentes narrativas ,Jeremias só tem uma significativa ‘virada’ quando o personagem ganha protagonismo em um título escrito por autores negros. Em outras palavras, podemos notar a questão da representatividade (partindo de noções de autoria e lugar de fala como dispositivos de análise) e identificação dos autores que se reconhecem na personagem com características étnicas iguais.

1. As histórias em quadrinhos no Brasil

A primeira forma de comunicação entre os seres humanos ocorreu através do uso da imagem, como afirma ALVES (2003). O Brasil, por exemplo, coleciona diversos relatos através das pinturas rupestres gravadas em diversas regiões geográficas. Ao falarmos sobre narrativa é comum ligarmos o gênero ao literário, Groensteen (2015) afirma que é comum a literatura em livro ser considerada um modelo de todas as formas narrativas, porém não é por ter sido prévia ao cinema e aos quadrinhos modernos que ela pode deter esse monopólio

Segundo Groensteen (2015), devemos tomar cuidado também quando tratamos de gêneros narrativo e literatura para não confundirmos esses dois, visto que estamos expostos cotidianamente a uma variedade de mídias que se utilizam de estruturas

narrativas em diferentes graus. Por outro lado, para McCloud (1995), as histórias em quadrinhos seriam “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador.” (MCCLLOUD, 1995, p. 9)

Segundo o site da Biblioteca Virtual de São Paulo, em uma publicação intitulada *As histórias em quadrinhos no Brasil*, a origem das histórias em quadrinhos derivou do humor gráfico que já era muito utilizado pelos artistas brasileiros, com seus cartuns e charges, em vários jornais. Porém, de acordo com Paiva (2016), as primeiras histórias no formato bem próximo ao que conhecemos hoje, narrativa gráfica sequencial divididas em quadros, com balões de texto etc, foram criadas pelo ítalo-brasileiro Ângelo Agostini na *Revista Fluminense* e *Revista Ilustrada*, por volta de 1869.

De acordo com Paiva (2016) a primeira revista brasileira a publicar regularmente histórias em quadrinhos foi a *O Tico-Tico*, em 1905, ela reunia material estrangeiro e só passou a abrir espaço para os artistas nacionais ao longo dos anos. E, segundo Vergueiro (2017), esse periódico foi publicado de 1905 a 1962, tornando-se por muitos anos a publicação mais longeva da história.

Vergueiro (2017) afirma que, nos anos seguintes, foram lançados outros periódicos de sucesso como o *Suplemento Juvenil*, em 1933. Ele possuía distribuição nacional, o que fez com que a maioria dos leitores brasileiros conhecessem e se familiarizassem com os personagens mais famosos dos quadrinhos mundiais da época, como *O Príncipe Valente*, *Flash Gordon*, *Mickey Mouse*, entre outros, sendo um dos grandes responsáveis, talvez o maior, pela invasão dos quadrinhos norte-americanos, e a consequente popularização do cenário, no país. Um ponto a ser destacado sobre este periódico é o fato de ter ficado conhecido por oferecer muitas oportunidades a autores brasileiros para que colaborassem com a revista, fomentando o cenário nacional.

Na década de 1930 o jornal *O Globo* também lançou seu suplemento e a disputa de mercado tornou-se cada vez mais acirrada, até que em 1939 O Globo resolveu lançar uma publicação chamada *O Gibi*. No que tange a um aspecto deste estudo (a representação de uma personagem negra), esta revista traz um aspecto a se destacar: uma personagem extremamente caricata de um garoto negro de nome Gibi, que acabou fazendo um enorme sucesso no Brasil ao ponto de a palavra virar sinônimo de histórias em quadrinhos até hoje.

A editora Abril acirrou ainda mais o mercado de quadrinhos nacional em 1949 lançando os quadrinhos da Disney que fizeram um grande sucesso na época, porém o maior sucesso da editora, que viria a ser uma das maiores da América Latina, seria o lançamento da primeira revista em quadrinhos da *Turma da Mônica*, de Maurício de Sousa.

2. Sobre o autor inicial de Jeremias: Maurício de Sousa

Maurício Araújo de Sousa é um dos maiores nomes dos quadrinhos no mundo, é impossível falar sobre histórias em quadrinhos no Brasil sem passar pelo nome dele. Nascido em 27 de outubro de 1935, na cidade de Santa Isabel, em São Paulo, Maurício é filho dos poetas Antônio Maurício de Sousa e Petronilha Araújo de Sousa e sempre esteve cercado por arte e cultura.

Apesar de ter nascido em Santa Isabel, a maior parte da infância e toda a adolescência de Maurício foi em Mogi das Cruzes e foi lá onde começou a desenvolver seu talento para o desenho, passando a desenhar cartazes e ilustrações para jornais e comerciantes locais. Em 1954, aos dezenove anos, decidiu mudar-se para a capital para tentar trabalhar como desenhista, que sempre foi sua paixão, porém o que conseguiu foi um emprego como jornalista na Folha da Manhã. Segundo Gusman (2015), em 1959 Maurício de Sousa começou a produzir uma série de tirinhas que contavam a história do cachorro Bidu e seu dono Franjinha, neste momento os personagens da *Turma da Mônica* ainda não existiam. Em 1960 a editora Continental lançou duas revistas, *Bidu e Zaz Traz*, que traziam as tirinhas do ainda não famoso Maurício de Sousa.

Esse período inicial, de 1947 a 1961, é chamado por Elbert Agostinho (2018) como “era dos esboços”, pois é o momento em que os primeiros personagens de Sousa foram surgindo. Como dito inicialmente, segundo os registros do livro *Coleção Histórica Maurício: As clássicas aventuras das revistas BIDU e ZAZ TRAZ!*, a primeira história em que Jeremias apareceu foi “*Um Rapaz do Outro Mundo*”.

Esta foi uma época de afirmação do cenário nacional, a década de 1940 foi quase que totalmente dominada pelos *comics* norte-americanos, mas a partir do final da década de 1950 é que surgem os nomes dos que viriam a ser os dois maiores quadrinistas do Brasil, Maurício de Sousa e Ziraldo. No entanto, foi somente em 1970, alguns anos depois, que Maurício de Sousa se tornaria um completo sucesso com o lançamento da

revista da *Turma da Mônica*. O título lançado pela editora Abril foi se tornando um sucesso cada vez maior de vendas no país. Segundo Cirne, (apud VERGUEIRO, 2017, p.2), em 1973, *A Turma da Mônica* já vendia mais de 195 mil exemplares, apenas crescendo nos anos seguintes e chegando a ser maior que a Disney na circulação de revistas em quadrinhos.

3. O Personagem Jeremias

Como contextualizado acima, o personagem Jeremias é umas das criações do período pré-turma da Mônica, como coloca Elbert Agostinho(2018), aparecendo como um coadjuvante das histórias do Bidu e Franjinha.

Em “*Um Rapaz de Outro Mundo*”, história publicada na revista *Zaz Traz* número 1, o personagem Jeremias tem uma participação significativa na narrativa, tanto quanto os outros personagens. Porém, também se pode observar que ele não aparece na capa da revista e nem no prefácio de apresentação da mesma, sendo completamente apagado de qualquer destaque ou menção.

Nesta época, os quadrinhos ainda eram produzidos com apenas duas palhetas de cor, preta e branca, e o personagem Jeremias era pintado em nanquim e ainda não tinha sua boina característica. A partir de 1961, Jeremias passou a ser desenhado dentro de um estereótipo conhecido como *blackface*.



Figura 1- Jeremias em quadrinho da década de 1960 representado por meio da estética blackface. (Fonte: Print retirado do site arquivosturmadamonica.blogspot.com)

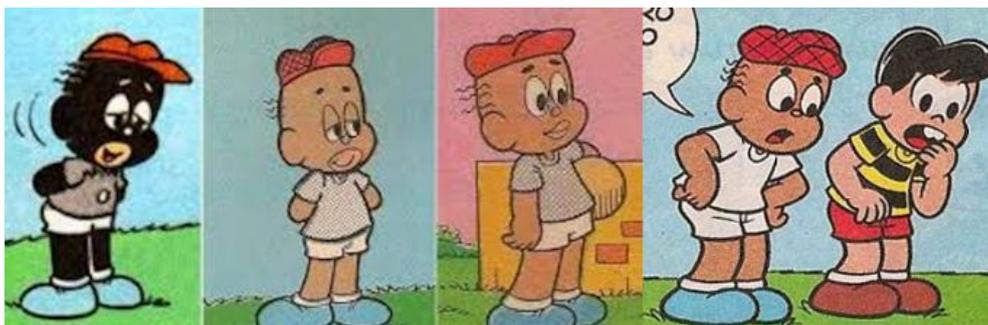


Figura 2- Evolução do personagem Jeremias ao longo dos anos. (Fonte: Print retirado do site arquivosturmadamonica.blogspot.com)

Blackface foi um termo usado no século XIX nos Estados Unidos para retratar a técnica de maquiagem teatral na qual atores brancos se pintavam com carvão para representar personagens negros de forma exagerada e caricata. Durante muito tempo essa caracterização exagerada dos traços da negritude se repetiu de forma jocosa na TV, no teatro e nas histórias em quadrinhos, com personagens com feições exageradas e pele muito escura e lábios muito grossos, desenhados de forma arredondada.

Como vemos na figura 2, o personagem Jeremias sofreu mudanças no seu desenho com o passar dos anos. Mas assim como bem mostra Elbert Agostinho(2018, p.8), mesmo na republicação, em 1970, da história “Quem conta um conto”, originalmente publicada em 1961, dessa vez em cores e com uma palheta de cor com mais opções de escolha, o personagem continuou sendo pintado em nanquim e com o desenho dos lábios arredondados e grossos mantendo a estética *blackface*.

Isso só veio mudar nas décadas seguintes, de 1980 e 1990, como explica Agostinho(2018), quando o movimento negro ganhou força social e a representação da negritude nas mídias começou a receber questionamentos da população. Em 1982, como podemos verificar nos arquivos turmadamonica.blogspot.com, Jeremias passa a ser pintado em um tom de marrom mais claro e apenas em 1983 é retirado o círculo representando a boca e ele ganha lábios que se aproximam mais da estética dos outros personagens. Em 2013 chegou a ser representado sem os lábios destacados em algumas histórias, como a do Cascão nº84, já pela editora atual, a Panini.

Historicamente, para ter o direito a fala e credibilidade, o sujeito se vale da sua posição social dominante e todos aqueles que não estão nos espaços privilegiados têm sua voz silenciada. No âmbito literário isso também nunca foi diferente, até meados do século XIX muitas produções das classes minoritárias eram silenciadas e desautorizadas pelas camadas sociais dominantes. (ZOLIN, 2009).

O próprio Maurício de Sousa já disse, em entrevista ao Programa Roda Viva, em 2017, que um dos pensamentos da turma da Mônica foi nunca levantar bandeira alguma, mas sim carregar a que está passando naquele momento. Por isso, apesar de Sousa falar que não faz distinção de personagens pela cor e que não faz diferenciação entre negros e brancos, suas histórias estão repletas dos pensamentos racistas das épocas em que foram publicadas.

“Não tem? Tem sim. É o Jeremias, personagem criado em 1960, que durante... por muito tempo foi o único menino negro da turma. Usa sempre um boné que foi de seu avô, para esconder a falta de cabelo, embora todos saibam disso... Não faço diferença de cor de personagem, porque todos eles funcionam da mesma maneira nas historinhas” (Entrevista de Maurício de Sousa ao programa Roda Viva, exibido em 9 de outubro de 1989. APUD, Elbert Agostinho, 2018, p.10.)

Quando os personagens da *Turma da Mônica* começaram a ganhar destaque na década de 1970, o personagem Jeremias passou a aparecer cada vez menos, tornando-se um personagem de terceiro escalão que faz aparições pontuais. Em 1987, década em que as questões sobre a negritude passaram a entrar nas pautas sociais do país com mais força, foi lançada a edição *Turma da Mônica* N° 5 que trazia pela primeira vez uma história com o personagem Jeremias como protagonista: *Jeremim, O Príncipe que veio da África* (1987).

Porém, apesar de ser o protagonista da história, a forma como ele é retratado na narrativa ainda traz uma série de estereótipos da população negra: descendente de escravo, que vivia na selva, e possui grande habilidade com o futebol. A história ensaia uma reflexão sobre alguns temas, mas pouco aborda sobre o racismo e perde a oportunidade de refletir sobre os problemas vividos pelo negro no país, prendendo-se a estereótipos sociais.

Uma mudança significativa na caracterização do personagem, assim como na sua abordagem, veio nos anos 2000, mais precisamente em 2008, quando a Maurício de Sousa Produções em acordo com a Panini Comics resolveu lançar o título *Turma da Mônica Jovem*, que abordaria os personagens da Turma da Mônica durante a adolescência.

A releitura do título busca abordar temas que conversem com o público pré-adolescente e traz uma estética visual muito próxima à dos mangás, estilo de quadrinhos japoneses que se tornou muito popular no Brasil. Todos os personagens foram

remodelados e, com Jeremias, desta vez, ocorreu o mesmo: passou a ter uma abordagem completamente diferente.

Em evidente dialogismo com as práticas discursivas que caracterizam o “streetstyle” advindo da cultura “hip hop”, o personagem negro passou a ser desenhado em roupas estilosas e com um boné azul (em oposição ao boné vermelho usado em revistas da Turma da Mônica clássica). (AGOSTINHO, Elbert, 2018, p. 12).

A fase da Turma da Mônica Jovem traz algumas participações bem interessantes do personagem Jeremias e perdura até hoje. Como por exemplo na edição N° 30, de 2019, com o título *Além de Jurerê*, que é toda dedicada à narrativa sobre a amizade de Jeremias e Titi e como a amizade dos dois é colocada à prova quando os gostos pessoais começam a divergir.

Essa edição traz uma problemática bem interessante sobre machismo e preconceito, quando coloca Jeremias se envolvendo com o teatro e discutindo com seu amigo Titi por conta de sua postura preconceituosa com relação ao ofício de ator.



Figura 3 - Titi, na HQ Turma da Mônica Jovem N°30, desdenhando da turma que está participando do teatro. (Fonte: Foto da HQ turma da Mônica Jovem N°30)

Mesmo tendo boas aparições na Turma da Mônica Jovem e com histórias relevantes, Jeremias ainda assim não chegou a ser protagonista de fato ou ter regularidade em suas aparições. No trabalho de Elbert Agostinho, ele cita a história “*Ser ou Não Ser*”, de 2009, na qual o narrador chega a brincar com a pouca relevância do personagem na história.



Figura 4 - Narrador brinca com a falta de relevância de Jeremias para a história da HQ Turma da Mônica Jovem N° 11. (Fonte: Print do vídeo Ser ou não ser Turma da Mônica Jovem, do canal Portal Tmj Gibis)

O personagem Jeremias só será alçado ao protagonismo de fato, com uma grande história só sua, impactando o cenário dos quadrinhos com quase uma totalidade de críticas positivas, com a HQ *Jeremias Pele*, escrita e desenhada por Rafael Calça e Jefferson Costa e publicada pelo selo Graphic MSP.

O projeto Graphic MSP é mais uma grande mudança na caracterização e abordagem dos personagens de Maurício de Sousa. O projeto da Maurício de Sousa Produções, iniciado em 2012 com o lançamento de *Astronauta Magnetar*, do Danilo Beyruth, consiste na produção de histórias com os personagens do estúdio feitas por diferentes artistas brasileiros.

O selo é voltado para um público mais adulto e traz uma variedade de títulos, estilos e artistas envolvidos. No dia 28 de março de 2018, Sidney Gusman, editor do selo Graphic MSP, anunciou que o novo projeto do estúdio seria uma HQ de Jeremias e que a mesma teria todo o seu processo criativo comandado por dois autores negros, Rafael Calça e Jefferson Costa, até então desconhecidos do *mainstream*.

3.1 Representatividade, racismo e preconceito.

A representatividade é um tema que vem sendo cada vez mais debatido e buscado na sociedade nos últimos anos, a ideia era fazer uma história que fosse representativa de fato e tratasse do tema do racismo de forma real, por isso a escolha de dois autores negros para a criação. A HQ que trata da origem do personagem e traz reflexões profundas sobre o racismo estrutural que permeia nossa sociedade foi um

sucesso absoluto de vendas e de críticas, levando finalmente o personagem Jeremias ao *mainstream* dos quadrinhos nacionais.

Para entender como um dos personagens mais antigos do título em quadrinhos de maior sucesso do Brasil, que é um país com uma população predominantemente negra, demorou tanto a alcançar um maior destaque nacional é necessário observar como o preconceito e o racismo interferem na estrutura social. A crítica pós-colonial de Bonnici (2005) nos ajuda a ter uma visão sobre a relação de poder que influencia toda a cultura e os diversos contextos sociais desde o início da colonização até a contemporaneidade e o livro *Racismo Estrutural*, de Sílvia Almeida (2019), revela as etapas e complexidades do preconceito racial no Brasil.

Primeiramente, é necessário entender que o conceito de raça, como categorias distintas de seres humanos, nem sempre existiu. Segundo Almeida (2019), esse conceito, junto com o de homem, começa no século XVI com o iluminismo, época em que surgiu a distinção entre civilizado e selvagem, ideia de civilização que no século posterior seria levada para outros lugares do mundo que ainda não estavam “libertos” do obscurantismo; porém, em nome de ideais libertários, esse processo que ficou conhecido como colonialismo levou terror e destruição para os lugares invadidos.

Do ponto de vista intelectual, o iluminismo constituiu as ferramentas que tornariam possível a comparação e, posteriormente, a classificação, dos mais diferentes grupos humanos com base nas características físicas e culturais. Surge então, a distinção filosófico-antropológica entre civilizado e selvagem. (ALMEIDA, 2019, p.26.)

Entender o processo da colonização é extremamente importante, pois, segundo Bonnici (2005), esse processo possui um impacto fundamental na construção social das ex-colônias. “A literatura pós-colonial é o resultado da experiência de colonização baseada na tensão com o poder colonizador” (Bonnici, 2005, p.191)

O preconceito racial é, infelizmente, um dos mais presentes e latentes da nossa sociedade, tendo suas consequências discutidas no mundo inteiro, inclusive neste trabalho. Embora exista uma relação evidente entre os conceitos de preconceito, racismo e discriminação, Almeida (2019) nos explica que existem diferenças entre eles.

Segundo Almeida (2019), o preconceito racial está ligado ao juízo de valor baseado em estereótipos de determinados grupos raciais podendo ou não resultar em práticas discriminatórias, já a discriminação racial é conferir tratamento diferenciado a

indivíduos de grupos racialmente identificados. O autor divide o racismo em três concepções distintas: individualista, institucional e estrutural.

Para Almeida (2019), na concepção individualista, o racismo seria considerado uma anormalidade de caráter ético ou psicológico que acomete alguém ou um grupo específico, sob esta percepção haveria ações racistas isoladas, não admitindo a existência de um problema social ou estrutural e o tratando como algo excepcional. Essa concepção é claramente problemática e pobre de reflexões sobre o tema, fortalecendo um debate raso e alimentando a discriminação.

Almeida (2019) fala que, sob a perspectiva da concepção institucional, existe uma reflexão maior sobre a problemática e a questão não se resume a algo individual ou excepcional, mas é visto como resultado do funcionamento das instituições que de alguma forma concedem desvantagens ou privilégios de acordo com a raça. Nesta perspectiva as instituições moldam a sociedade, tendo o poder como o principal elemento da relação racial e colocando-se o racismo como dominação.

Assim, detêm o poder os grupos que exercem o domínio sobre a organização política e econômica da sociedade. Entretanto, a manutenção desse poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda sociedade regras, padrões de conduta e modos de racionalidade que tornem “normal” e “natural” o seu domínio. (ALMEIDA, 2019, 40)

Almeida (2019) reflete que, em muitas discussões sobre o tema, o racismo institucional e o estrutural são colocados como a mesma coisa, porém ele faz questão de distinguir os dois em sua obra. Segundo ele, os padrões racistas impostos pelas instituições não poderiam existir se a sociedade também não fosse racista. Ou seja, o racismo seria decorrente de uma estrutura social na qual o racismo é regra e conduz os comportamentos e padrões, não sendo individual, nem institucional, mas sim estrutural, passando por um processo político, já que é uma questão sistêmica e que influencia a organização social. É também histórico, já que as peculiaridades do racismo de cada local passam pelo processo de formação específico de cada local.

A estrutura social é racista e padroniza o racismo como regra normalizando o pensamento discriminatório por meio do qual desvantagens ou privilégios serão atribuídos de acordo com a raça. Esse pensamento (e essa estrutura) é refletido diretamente na formação das instituições, pois quem as domina detém o poder de institucionalizar seus interesses e manter a hegemonia daquele determinado grupo, que visa a manutenção de seus privilégios.

Esse é o motivo, por exemplo, de discutirmos onde estão os negros em lugar de destaque nos quadrinhos e o porquê de somente agora com a HQ *Jeremias Pele* o personagem ganhar destaque. A representatividade nos quadrinhos não é um debate recente e muito menos exclusivamente do Brasil, nos anos de 1970 uma campanha veiculada pela *Black-Owned Communications Alliance* alertava os cidadãos americanos sobre o problema da falta de representatividade negra no universo dos super-heróis e na mídia como um todo. (BROWN apud CHINEN, 2019, p.169)



Figura 5 Campanha pelo aumento dos negros na mídia (Fonte: Foto do livro *O negro nos quadrinhos do Brasil*)

4. Jeremias Pele

Em abril de 2018 é lançada a HQ *Jeremias Pele*, nosso objeto de estudo que traz o personagem que dá nome ao quadrinho, 58 anos depois de sua criação, pela primeira vez a um lugar de destaque com um título próprio. O próprio Maurício de Sousa, no prefácio da edição, brinca com o fato de a 18ª edição da Graphic MSP simbolizar também a “maioridade” ou maturidade do personagem que se torna protagonista da sua própria história.

Porém, neste mesmo prefácio, Sousa admite que enquanto autor das histórias sempre colocou o Jeremias vivendo em um ambiente de acordo com o que ele pensava ser o ideal, onde a cor da pele não possuía influência na narrativa. Por isso, para que o problema pudesse ser abordado com propriedade, era necessário trazer autores com lugar de fala sobre o assunto e assim foram escalados para a tarefa os autores negros Rafael Calça e Jefferson Costa (2018)

“O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras

perspectivas” (RIBEIRO, 2017, p.39). Logo é sintomático termos nesta MSP, que traz a temática do racismo escrita por negros, a edição de maior repercussão do selo, chegando a ganhar várias premiações como o Troféu HQ Mix nas categorias "melhor edição especial" e "melhor publicação juvenil" e o Prêmio Jabuti - Histórias em Quadrinhos.

“O Jeremias que se vê em *Pele* não é o dos gibis. É o Jeremias que pode ser chamado de Rafael Calça ou Jefferson Costa” (JÚNIOR, 2018). O impacto dessa edição foi tão grande que repercutiu na linha editorial do selo MSP, o próprio Maurício de Sousa admite no mesmo prefácio que o título fez o estúdio repensar com mais cuidado a forma como trata determinados temas, fazendo os profissionais ficarem atentos à realidade ao redor. Isso pode ser visto claramente nas edições seguintes das Graphics MSPs que trazem títulos como *Tina Respeito*, tratando sobre o machismo da sociedade e abusos frequentes vividos por mulheres e homossexuais.

Rafael Calça nasceu em 1984 na cidade de São Paulo e, além de roteirista, também trabalha como ilustrador de histórias em quadrinhos. Rafael já trabalhou com diversas editoras como a Abril, Globo, LeYa, Ática, Veneta e Devir, também faz parte do quadro de professores da Quanta Academia de Artes, uma escola de artes gráficas localizada em São Paulo. Além de *Jeremias Pele*, o autor participou de algumas coletâneas de quadrinhos como *Front* e *Quebra-Queixo: Techonorama*, além de lançar trabalhos independentes como a HQ *Dueto*. Porém, foi com a projeção obtida pelo trabalho com a Maurício de Sousa Produções que Calça chegou a ganhar o Prêmio Ângelo Agostini, em 2019, de melhor roteirista por seu trabalho na MSP.

Jefferson Costa nasceu em 1979, também na cidade de São Paulo, e trabalha com ilustração e quadrinhos. Além de *Jeremias Pele*, ele trabalhou com diversas obras em quadrinhos como: *Quebra Queixo Technorama*, *A Dama do Martinelli*, *La Dansarina* e as coletâneas *Front*, *BangBang*, além de trabalhos para o mercado internacional, como a adaptação do livro *Kiss me Judas* e as antologias *Gunned Down* e *Outlaw Territory 3*. Ele já havia chegado a ganhar um prêmio troféu HQ Mix em 2013 com a parceria do roteiro de Lilo Parra pela história *A Tempestade*, que faz parte do volume 4 da *Coleção Shakespeare em Quadrinhos*.

Costa também trabalha como desenhista de personagens e cenários para animações e já fez trabalhos para grandes empresas como a Cartoon Network e TV Brasil, com o desenho *Historietas Assombradas para Crianças Malcriadas*, e até mesmo a MTV com o programa em animação *A Megaliga de Vjs Paladinos* e *Fudêncio*. Em 2019, Jefferson Costa foi contratado pelo selo Pipoca e Nanquim para trabalhar na

publicação do quadrinho autoral desenhado e escrito por ele: *Roseira, Medalha, Engenho e Outras Histórias*.

A obra mais popular dos dois e objeto deste estudo, *Jeremias Pele*, conta a história do garoto Jeremias, um dos melhores alunos da escola, uma criança entrosada com os colegas e confiante, cheia de sonhos e que possui uma rotina muito feliz ao lado dos pais, que, juntos, formam uma família muito bem estruturada. Até que um dia em uma atividade da escola na qual sua professora distribuiu profissões entre os alunos, para que eles apresentem em sala de aula, Jeremias sofre preconceito pela cor da sua pele e começa a entender que a estrutura social a sua volta lhe impõe desvantagens por ser negro; assim, precisa começar a aprender a lidar com determinadas situações.

5. O racismo estrutural na pele

Groensteen (1999) explica que a estrutura narrativa é transversal a diversos sistemas semióticos e várias mídias a utilizam, isso ocorre, segundo Santaella (1983), porque nossa língua é tida muitas vezes como um modelo de toda linguagem, pelo uso tão natural e internalizado, e acabamos esquecendo que ela não é o único tipo de linguagem existente.

Fato é que o ser humano se utiliza tanto da linguagem verbal, quanto da não verbal para se comunicar. No século XX, segundo Santaella (1983), o mundo viu nascer duas ciências para a realização do estudo da linguagem: a linguística, para o estudo da linguagem verbal, e a semiótica para todas as outras linguagens possíveis. “A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.” (SANTAELLA, 1983, p.13)

Isso quer dizer que somos leitores, e produtores, de diversas linguagens como: desenhos, cores, traços, movimentos, formas etc. Por isso é necessário estar atento aos detalhes para realizarmos uma leitura plena de um quadrinho, pois como vimos nas suas definições ele é um gênero narrativo composto por linguagem verbal e não verbal. Assim sendo, sua narrativa visual é composta de detalhes que, mais do que complementam a escrita, são parte componente intrínseca à criação artística, e necessita de recursos semióticos de interpretação na hora da análise.

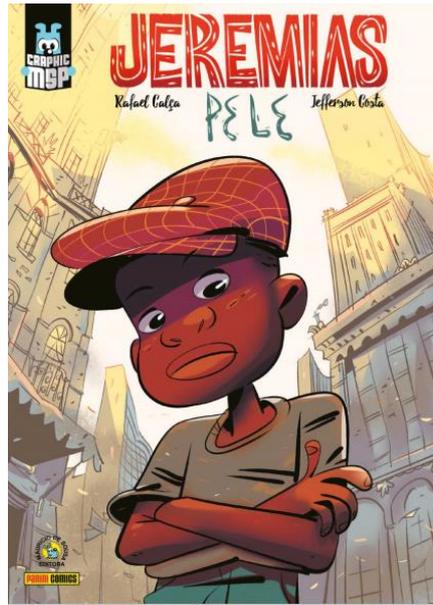


Figura 6 – Capa de Jeremias Pele. (Fonte: Escaneada da revista Jeremias Pele)

A capa aparentemente despretensiosa já mostra a perspectiva que os autores querem abordar sobre o personagem. Cagnin (2013) explica que um dos planos visuais utilizado nos quadrinhos é o *contra-plongé*, que foca o objeto em questão de baixo para cima, trazendo uma ideia de grandiosidade, força. Neste caso, também resistência a qualquer tipo de preconceito ou pensamento que possa inferiorizá-lo.

O início da história nos traz um Jeremias feliz e confiante, nos é revelado que ele é uma criança pertencente a um lar bem estruturado (como já afirmamos): seus pais têm uma profissão estabelecida, como arquitetos, podendo fornecer uma condição financeira minimamente saudável para a casa e se fazem muito presentes na vida do filho. Neste momento da história, Jeremias ainda não tem noção de que a sociedade discrimina os negros, pois dentro do convívio familiar ele não lida com esse tipo de conflito.

Em um dos primeiros quadros de interação entre a família, temos uma cena bem emblemática na qual todos estão juntos em um café da manhã feliz, fazendo uma clara referência aos comerciais de margarina que historicamente sempre trouxeram cenas de pessoas brancas e de classe média alta como representantes da família brasileira. O próprio Jeremias faz um comentário de como a mãe dele poderia participar de um comercial do produto e de como ela é bonita, uma clara crítica dos autores que usam a tradição deste tipo de comercial para falar sobre a falta de representatividade. Na teoria crítica pós-colonial, Bonnici (2005) vai dizer que a mímica é o hábito de incorporar a cultura do colonizador com o intuito de criticar e subverter aquela ação. Reverberam,

então, estas palavras: “A quase-identidade do sujeito colonial com o sujeito dominante, descrito por Bhabha como “quase o mesmo, mas não é branco”. (BHABHA apud BONNICI, p.196).



Figura 7 – Família em café da manhã feliz. (Fonte: Escaneada da revista Jeremias Pele)

Nos quadros em questão, onde Jeremias convive feliz e ainda não teve a noção da existência do preconceito, escolheu-se uma paleta de cores mais clara, amarelada e quase sem sombras. Eva Heller (2014), em *A psicologia das cores*, explica que a cor amarela pode ser entendida como a cor do otimismo e da juventude, o que nos remete à primeira fase do personagem na história.

A escolha do plano médio para a cena, aquele que revela a figura até a cintura, ou meio do peito, segundo Cagnin (2013), serve para que possamos observar detalhadamente as expressões faciais e é muito usado em diálogos. Isso, juntamente com o uso de onomatopeias de risadas e as cores, como dito anteriormente, ajuda a construir a percepção de uma família feliz e de um personagem confiante e alegre.

Mesmo na escola, inicialmente, Jeremias mantém esse perfil confiante, sendo orgulhoso pelas suas notas altas e não se intimidando com algumas falas mais grosseiras de um colega de classe. Isto só começa a mudar (recuperamos novamente o que mencionamos) quando a sua professora de história resolve fazer uma atividade em sala e distribuir algumas profissões entre os alunos para que apresentem em sala um pouco sobre cada uma. No momento da distribuição, ela atribui a profissão de pedreiro a

Jeremias, mesmo ele querendo a de Astronauta, e acaba desmerecendo o seu desejo na frente de toda a sala e causando uma situação desconfortável.



Figura 8 – a turma de Jeremias zomba de seu sonho de ser astronauta. (Fonte: Escaneada da revista Jeremias Pele)



Figura 9 – Jeremias sente-se inferiorizado após sofrer preconceito. (Fonte: Escaneada da revista Jeremias Pele)

Este é o primeiro momento em toda a história em que o personagem demonstra uma expressão de tristeza, mal-estar, o que podemos perceber, segundo Cagnin (2013), através do uso da boca fechada e curva para baixo e do arranjo dos olhos semiabertos e sobrancelhas curvas. A cor usada de fundo do quadro também muda, de amarelo é adotado um tom de violeta para ressaltar a sensação de desconforto do personagem. Esse tom passa a ser adotado em vários quadros durante a narrativa para demonstrar os momentos de conflito e apatia do personagem. De acordo com Heller (2014) a cor lilás

ou violeta pode fazer ligação com a violência e sentimento de violação, fortalecendo a sensação de agressão sofrida por Jeremias ao ser discriminado.

Além da boca, dos olhos e das cores utilizadas, podemos observar, mais uma vez, o ângulo e a perspectiva escolhidas no último quadro da sequência, revelando como o protagonista fica diminuído e se sente pequeno em relação a todo o resto quando o racismo é praticado. “O plano plongé é a visão do alto para baixo [...] para mostrar as personagens apequenadas pela superioridade ou domínio da que as observa do alto”. (CAGNIN, 2013, p.110).

Jeremias tem sua confiança ferida quando percebe que o ato preconceituoso não era mais uma ação isolada ou excepcional, vinda de um colega específico, mas vinha da própria instituição escolar, representada pela figura de autoridade da professora. Podemos dizer que aqui a concepção de racismo que será abordada na narrativa será a institucional e conseqüentemente estrutural. A partir do momento da fala da professora desmerecendo o seu desejo e ao ver que as únicas pessoas da sala que não riram foram outros dois garotos negros, Jeremias percebe que está sendo estereotipado pela escola por causa da sua cor.

Um dos aspectos do discurso colonial é a sua dependência do conceito de fixidez na construção ideológica de alteridade. Sua principal arma discursiva é o estereótipo, fixando sempre o que está no ‘seu lugar’ é o que deve ser repetido. (BHABHA, 1998, p.105)

Jeremias começa a perceber a visão estereotipada com a qual os negros são tratados, na escola, na sua revista em quadrinhos preferida, e isso começa a incomodá-lo até o ponto de brigar na escola. Neste momento, seu pai é chamado e mais uma vez vemos uma instituição sendo questionada pela sua conduta racista.



Figura 10 – O pai de Jeremias é abordado pela polícia. (Fonte: Escaneada da revista Jeremias Pele)

Na cena, vemos o pai de Jeremias sendo abordado na rua pela polícia, sem nenhum motivo aparente. No quadro, temos a mão comum de um policial branco realizando a abordagem, mas a sombra projetada sobre o personagem é monstruosa, parecendo garras, opressora. Luiz Cagnin (2013) nos explica que imagens também possuem sentido denotativo e conotativo. Esta noção é ativada quando o significado depende também do repertório de conhecimentos e lembranças do leitor; essa imagem, por exemplo, remete às abordagens excessivas e violentas da polícia contra a população negra e de periferia.

Sílvio Almeida (2019) vai dizer que na concepção institucional o racismo é dominação, ele vem da necessidade do grupo hegemônico em impor os seus interesses e padrões à sociedade através das instituições para, assim, manter seus lugares nelas, naturalizando o domínio do homem branco nas posições de poder.

O quadro a seguir é um momento chave da história e carrega uma carga dramática importante. Após a abordagem policial, os pais de Jeremias vão conversar com o filho por causa da briga na escola e seu pai, Alex, acaba se exaltando e falando com seu filho de uma maneira muito dura e incisiva.



Figura 11 – O pai de Jeremias briga com o filho após ele ter brigado na escola. (Fonte: Escaneada da revista Jeremias Pele)

A fala do pai de Jeremias deixa claro que a questão do racismo vai além das instituições, mas faz parte da questão social. “As instituições são racistas, porque a sociedade é racista.” (ALMEIDA, 2019, p.47). O discurso trazido na fala do pai evidencia a Jeremias que ele nunca será tratado como um igual, não importa onde for ou o que faça: para a estrutura social vigente o racismo é um padrão.

Em resumo, o racismo é uma decorrência da própria estrutura social =, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2019, p.50)

Neste quadro anterior, temos o pai de Jeremias em pé com o dedo em riste apontado para o rosto do filho em uma postura opressora, observando Jeremias de cima para baixo, causando uma sensação de superioridade e domínio sobre quem está sendo observado deste ângulo, de acordo com Cagnin (2013). Ao fundo, temos um contraste de cores que parecem tornar a atmosfera conflituosa; ainda segundo Heller (2014), o laranja é a cor do perigo, da advertência e o amarelo traz a sensação de alerta.

Nos quadrinhos, o balão tornou-se a imagem que representa o tom de voz do personagem e suas mais diversas emoções. Sidney Gusman, editor da revista, disse em entrevista ao site Nerd Café que normalmente esse balão seria dividido por questão de estética, porém os autores da HQ, Rafael Calça e Jefferson Costa, pediram para deixar dessa forma e com essa quantidade de texto, pois representava o pai descarregando tudo que pensava sobre o assunto de uma só vez e sem pensar. As palavras em negrito destacam a ideia de que o negro sofrerá e nunca será tratado como igual.



Figura 12 – Jeremias realiza com orgulho a apresentação da profissão de pedreiro. (Fonte: Escaneada da revista Jeremias Pele)

No discurso final de Jeremias, os autores usam o *contra-plongé* mais uma vez para conotar a força e a confiança retornando ao protagonista. A imagem entra em contraste com a representação do personagem na figura 7, aqui o arranjo dos olhos bem abertos e sobrancelhas e bocas arqueadas para cima representam a alegria e felicidade, segundo Cagnin (2013). Além de voltarem a usar a cor amarela de fundo do quadro, que aqui volta a representar o otimismo e a jovialidade em contraste com a tristeza/ violência/ tensão do violeta.

Por fim, temos um Jeremias consciente do racismo existente na sociedade e das dificuldades que lhe serão impostas por conta do preconceito, mas empoderado e orgulhoso, colocando seu ponto de vista em oposição ao padrão social. “O significado de hibridismo sugerido por Bhabha (hoje é o mais aceito) faz com que o sujeito pós-colonial coloque seu ponto de vista contra o outro [...] com o potencial de reverter as estruturas de dominação”. (BHABHA apud BONNICI, 2005,p.194)

6. Considerações finais

Portanto, com base nas análises realizadas até aqui, pode-se concluir que a história em quadrinhos *Jeremias Pele* evidencia a personagem de uma forma diferente dos títulos anteriores, por trazer uma narrativa que pela primeira vez dialoga com uma visão social de dois autores negros que revelam uma sociedade estruturada de maneira racista, na qual o preconceito racial é regra e não exceção, levando a personagem de Jeremias, e sua negritude, para o centro da discussão e destacando-a com relevância nunca vista em sua história.

O quadrinho utiliza-se muito bem dos recursos semióticos na construção de sentido da narrativa, extraindo muitas informações que por vezes podem passar despercebidas por leitores menos atentos. Nesta HQ, o uso das cores, das sombras, dos enquadramentos e posicionamento das sobrancelhas e boca são alguns exemplos de elementos fundamentais para a compreensão da história.

Através da análise crítica pós-colonial e embasados na obra de Silvio Almeida pudemos averiguar como os quadrinhos também acabam tendo suas narrativas influenciadas pelo processo de colonização cultural. Percebe-se isso pela observação realizada da trajetória da personagem Jeremias, através de algumas aparições pontuais ao longo dos anos: foi apresentado durante muito tempo com traços que remetiam,

segundo um consenso social racista, ao estereótipo do negro. Nos recortes analisados com histórias de diferentes anos, averigua-se que a personagem Jeremias teve oscilações de importância, em sua maioria era quase irrelevante, porém nunca tinha chegado a ser um destaque até a Graphic MSP.

Através da retratação do racismo estrutural na obra *Jeremias Pele*, em uma narrativa bem construída e pertinente, os autores Rafael Calça e Jefferson Costa não apenas estabeleceram a personagem Jeremias como uma das mais relevantes do selo MSP, como também criaram uma nova percepção sobre sua importância dentro do panteão de Maurício de Sousa.

7. Referências

AGOSTINHO, Elbert. **Que “negro” é esse nas histórias em quadrinhos? Uma análise sobre o Jeremias de Maurício de Sousa.** Jornadas internacionais de histórias em quadrinhos. São Paulo: USP, 2018.

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, Bruno Fernandes. **Superpoderes, malandros e heróis: o discurso da identidade nacional nos quadrinhos brasileiros de super-heróis.** Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação. 2003

As histórias em quadrinhos no Brasil. Biblioteca Virtual de SP, 2019. Disponível em: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/cultura-e-lazer/gibitecas-historia-das-hqs.php> . Acesso em: 05/09/2020.

BHABHA, H.K. **O local de cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. **Avanços e ambigüidades do pós-colonialismo no limiar do século 21.** Léngua & meia: revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UFFS, v. 4, n°3, 2005.

CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos: Linguagem e Semiótica.** São Paulo: Criativo, 2013.

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias Pele.** São Paulo: Editora Panini, 2018.

CHINEN, Nobu. **O lugar do negro nos quadrinhos no Brasil.** São Paulo: Editora Petrópolis, 2019.

GROENSTEEN, T. **O Sistema dos Quadrinhos**. Rio de Janeiro: Marsupial Editora, 2015.

HELLER, Eva, **A psicologia das cores. Como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2014.

JÚNIOR, Audaci. **Jeremias-Pele**. Universo HQ, 2018, Disponível em: <http://www.universohq.com/reviews/jeremias-pele/> . Acesso em: 05/09/2020.

PAIVA, Fábio. **Histórias em quadrinhos na educação: memórias, resultados e dados**. Recife, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Minas Gerais: Letramento, 2017.

SOUSA, Maurício. Coleção Histórica Maurício. Barueri, Sp: Panini Books, 2015.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. **Quadrinhos na educação**. São Paulo, Contexto, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo, editora brasiliense, 1983.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pósmodernidade**. IPOTESI, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, jul./dez. 2009.